

AMIZADE E COMUNICAÇÃO: APROXIMAÇÕES ENTRE KARL JASPERS E ARISTÓTELES

*Gerson Brea**

RESUMO: Esse pequeno ensaio pretende promover uma aproximação entre alguns aspectos centrais da ideia de comunicação da filosofia da existência de Karl Jaspers e alguns momentos da exposição da *philia* que Aristóteles realiza em sua *Ética a Nicômacos*. Não se trata de uma exegese acurada e minuciosa, mas de uma arriscada tentativa de pensar um possível diálogo entre esses dois pensadores sobre diversas facetas desse fenômeno: a amizade.

PALAVRAS-CHAVE: Karl Jaspers, Aristóteles, Amizade, Comunicação, Ética.

FRIENDSHIP AND COMMUNICATION: APPROACHING BETWEEN KARL JASPERS AND ARISTOTLE

ABSTRACT: This compact essay aims at promoting an approaching of some core aspects related to the Idea of communication of existence philosophy of Karl Jaspers and some extracts of the exposition of the *philia* that Aristotle presents in his *Nicomachean Ethics*. It does not convey an accurate and detailed exegesis, but a daring attempt of conceiving a possible dialog between mentioned philosophers comprising various facets of this phenomenon: friendship.

KEYWORDS: Karl Jaspers, Aristotle, Friendship, Communication, Ethics.

Simpatia, afeição, entusiasmo, zelo? Um mero relacionamento social? Um jogo de interesses? Ou a concórdia entre dois ou mais seres-humanos com relação a uma ou mais coisas? Certamente não é fácil definir a amizade. Por exemplo: qual sua relação com o amor? Por que ora traduzimos *philia* por amizade ora por amor? Drummond recomenda que não brinquemos, não facilitemos com a palavra amor, não a pronunciemos, não cometamos “a loucura sem remissão de espalhar aos quatro ventos do mundo essa palavra que é toda sigilo e nudez, perfeição e exílio na Terra”.¹ Entretanto, a palavra amizade parece não gerar tantas precauções, tanto recato, tanto constrangimento. Seria a amizade algo mais superficial, mais frágil?

Nietzsche, provavelmente, divergiria de Drummond. Em *A Gaia Ciência*, mais precisamente, naquele momento de suas lucubrações* sobre “tudo aquilo que é chamado de

* Gerson Brea é professor adjunto no Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília.

¹ DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. “O seu santo nome”. In: *Corpo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record, 1987, p. 43.

amor”, Nietzsche denuncia, desmascara, desbarata o amor. Pare ele, o amor parece estar mais ligado a “um desejo imperioso” de “propriedade”, à “cobiça”, ao “egoísmo”, àquele irrefreável sentimento de posse, do que a alguma coisa nobre, louvável, admirável, ou a uma espécie de garantia da ação humana que visa ao bem. Não obstante, para esse *filósofo do martelo*: “existe realmente, aqui e acolá, na terra, uma espécie de prolongamento do amor, no qual esse desejo ávido que duas pessoas experimentam uma pela outra dá lugar a um novo desejo, a uma nova cobiça, a uma sede comum, superior, de um ideal que as ultrapassa”.² Nietzsche, finalmente, revela certo ceticismo: “quem conhece esse amor? Quem o viveu?” E conclui: “Seu verdadeiro nome é *amizade*”.

Realmente, talvez não seja tão fácil experimentar a amizade. “Quem a viveu?” De outro lado, o que seria a vida sem amigos? Aristóteles, provavelmente, não hesitaria em responder: “De fato, ninguém deseja viver sem amigos, mesmo dispondo de todos os outros bens”.³ Está claro aqui, que a palavra amizade – *philia* – não se refere a uma relação com objetos, com coisas “inanimadas”, sem *psyche*, ou seja, lá onde não há reciprocidade, nem desejo. A amizade, de que Aristóteles quer falar nesse contexto, é algo que ocorre entre seres humanos – e sem dúvida algo fundamental. Em sua *Ética a Nicômacos*, ou seja, em uma de suas principais obras que trata da filosofia prática, daquela “filosofia das coisas humanas” (1181b: *peri ta anthropina philosophia*) tão fundamental para nossa finita vida, Aristóteles dedica nada mais nada menos que dois livros à amizade, a *philia*. A amizade surge, portanto, de maneira marcante na discussão sobre aquilo que conduz o homem à felicidade, a *eudaimonia*, ou seja, justamente naquele estudo sobre as atividades que são próprias ao seres humanos. Embora algumas vezes subestimada pela tradição do pensamento filosófico e, até por reflexões em torno da ética aristotélica, o estudo ético-filosófico de Aristóteles não poupa esforços em enfatizar a importância da *philia* na vida humana e de tentar esclarecer diversos modos em que ela se dá.

De fato, o que seria da vida sem amigos? Sem a amizade? Mais de dois milênios após Aristóteles, Karl Jaspers, psicopatologista e pensador alemão que coloca a comunicação no centro de sua filosofia da existência, também não deixa de enfatizar a importância da amizade em sua vida. Em um de seus últimos escritos, uma obra constituída de diversos curtos ensaios de diferentes autores, sob o título, *Força de Viver*, respondendo à pergunta “De que forças você vive?” (*Aus welchen Kräften leben Sie?*), ou seja, questionado sobre aquilo que o move e que o

² NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução Antonio Carlos Braga. São Paulo: Editora Escala, 2006, p. 51-52 (I, §14).

³ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*, 1155a. Utilizaremos, nessas reflexões, a tradução de Mário da Gama Kury, publicada pela Editora UnB. Daí optarmos pelo título “Ética a Nicômacos”. As referências gregas foram extraídas do texto bilíngüe: Aristotele. *Ética Nicomachea*. Traduzione, introduzione e note di Carlo Natali. Roma, Bari: Editori Laterza – e transliteradas.

faz afirmar sua existência – apesar de durante toda a sua vida ter que lutar contra graves enfermidades, ou de, juntamente com sua esposa, padecer duras provas durante o regime nazista, enfim, de ter que buscar incansavelmente forças para viver –, Jaspers inicia suas rápidas digressões afirmando: “Não posso oferecer uma resposta através de uma confissão. Finalmente, talvez nem sequer saiba, de quais forças eu vivo.”⁴ A partir daí, dessa constatação dos limites do entendimento e compreensão humanas diante de tal questão, Jaspers passa a rememorar e a descrever a importância de certas amizades em seu caminho: as relações com seus pais, o marcante encontro e a duradoura amizade com sua esposa e até mesmo sua relação formal com Max Weber. “Amigos foram a fonte de força. Bons e amáveis conhecidos acolhem na real existência comum no mundo”. Mas no fundo, a “fonte de força, são os raros amigos que em luta espiritual no solo de uma inabalável simpatia estão ligados a um fim. Sua solidariedade é inabalável”.⁵ Estaria pensando Jaspers, aqui, também naquela amizade que durou quase que meio século com Hannah Arendt e que, pelo menos em parte, se manifestou numa longa correspondência? Fato é que esse depoimento não fala de Hannah Arendt. Na verdade, Jaspers não era muito dado a tecer comentários pessoais sobre quem ainda estivesse vivo. É como se soubesse que uma amizade sempre permanece algo sem garantias, algo que pode fracassar, algo que não está protegido de intempéries, da fugacidade, da mutabilidade. O que haveria acontecido, por exemplo, com sua amizade com Heidegger, amizade que no início parecia ser tão promissora, mas que aos poucos foi se esvaziando, se enfraquecendo?

De fato, apenas o tempo parece poder ensinar o que é uma amizade. Aristóteles já percebia isso. A relação entre tempo e amizade é, embora de maneira discreta, freqüentemente aludida em sua discussão sobre a *philia*. Por exemplo, naquele momento onde Aristóteles afirma: “(...) é natural que estas amizades sejam raras, pois as pessoas deste tipo são poucas. Ademais, amizades desta espécie pressupõem tempo e intimidade”. (1155b)

Mas o que significa, aqui, “amizades desta espécie”? Aristóteles estava ciente da complexidade do tema. Há *philiai* e *philiai*, amizades e amizades. Uma coisa é amizade entre o escravo e o senhor, outra entre dois irmãos, uma, entre um rico e um pobre, outra entre o amante e o amado, outra aquela que “mantém as cidades unidas” e com a qual “os legisladores se preocupam mais (...) do que com a justiça (...)” (1155a).

Afinal, quantos tipos de amizade existem? Aristóteles aponta para diversas formas de amizade, cada uma com suas características próprias, entre elas, sua durabilidade. Mas talvez a diferença fundamental entre as amizades diz respeito a seu fim, a sua finalidade. Simplificando a

⁴ JASPERS, Karl. *Antwort auf die Frage: Aus welchen Kräften leben Sie?* In: JASPERS, Karl. *Philosophische Aufsätze*, p. 238 (tradução nossa).

⁵ *Ibid.*, p. 241.

intricada análise aristotélica, poderíamos perguntar: Para que uma amizade? Pelo prazer que ela nos oferece? Ou pela utilidade que ela nos proporciona? Há amizades que se baseiam no interesse, há outras que se dão por causa do prazer. Aquelas que buscam “fundamentalmente o que é útil” – o que, se queremos acreditar em Aristóteles, ocorrem freqüentemente e principalmente entre os idosos – é acidental e tende a se desfazer facilmente, pois é apenas “um meio para chegar a um fim” (1156a: *pros ekeina*). Mas há também aquelas amizades voltadas ao prazer – principalmente na fase juvenil. Influenciados como são pelas emoções, observa Aristóteles, os jovens “perseguem acima de tudo o que lhes é agradável e o que está presente (...) É por isto que eles se tornam amigos e deixam de ser amigos rapidamente; sua amizade muda com o objeto que acham agradável, e tal prazer se altera rapidamente” (1155a).

Há entretanto uma amizade de outra “espécie” – uma espécie “rara”, como acabamos de ouvir –, mas uma amizade que, para Aristóteles, “é perfeita (...) relativamente à duração e a todos outros aspectos”. Trata-se daquela “primeira” amizade, amizade em sua “acepção própria”, e da qual “por analogia” derivam “as outras espécies” de amizade.⁶ Essa “amizade do tipo perfeito”, essa amizade “verdadeira” (*teleía philia*), que visa ao bem:

(...) é a existente entre as pessoas boas e semelhantes em termos de excelência moral; neste caso, cada uma das pessoas quer bem à outra de maneira idêntica, porque a outra pessoa é boa, elas são boas em si mesmas. Então as pessoas que querem bem aos seus amigos por causa deles são amigas no sentido mais amplo, pois querem bem por causa da própria natureza dos amigos, e não por acidente; logo, sua amizade durará enquanto estas pessoas forem boas, e ser bom é uma coisa duradoura (1156b).

Embora não preocupado com questões vinculadas à excelência (ou virtude) moral, é interessante que Jaspers, em sua *Psicologia das Visões de Mundo*, também faz uma análise de diversos tipos de *philia*, mais precisamente, da “atitude entusiástica”. O que está em jogo nessa análise – um passo decisivo nesse estudo sobre as “visões de mundo” – é fundamentalmente algo que possui uma relação enigmática com a amizade: o amor. Consciente da complexidade do tema, e sobretudo a fim de evitar mal entendidos, gerados pelo abuso da palavra amor, Jaspers sugere – pelo menos no início de sua exposição – a expressão “atitude entusiástica” (*enthusiastische Einstellung*). Mesmo assim, o amor não parece estar protegido de uma compreensão desvirtuada. Há o “entusiasmo inautêntico”, que não passa de um “estado de embriaguez” (*Rauschzustand*), “uma fantasia sem matéria” (*Schwärmerei ohne Stoff*), onde “o homem se engana sobre a realidade com um entusiasmo imaginário”. Além disso, o amor não pode de modo algum ser confundido com a paixão. “A paixão incita (...) naquele que se compadece um sentimento de superioridade por se encontrar melhor e por sentir na ajuda seu

⁶ Aristóteles acredita que “as outras amizades não são verdadeiras amizades” (1158b)

poder”.⁷

Nessa passagem da *Psicologia das Visões de Mundo*, a preocupação maior de Jaspers consiste, entretanto, em libertar o conceito de amor tanto da idéia de algo fora do comum, extraordinário, não rotineiro, bem como em combater as tendências que tomam a experiência de amor por um fenômeno de ordem mística, ou seja, por um sentimento sem conteúdo, sem objeto e indiferente às situações concretas da vida. A perseverança de Jaspers em tal restrição tem suas razões. Sendo uma relação singular com um objeto, o amor – esta “atitude entusiástica” – pode ser facilmente confundido com uma experiência mística. Não seria de fato a ausência de objetivação ou reificação uma das principais características do amor? Pode ser. Todavia, diferentemente da *unio mystica*, não se dá aqui uma completa supressão da dicotomia sujeito-objeto. No amor, o objeto não deixa de ser objeto. Ele é aqui, não obstante, apreendido de um modo específico, não se deixa submeter a estruturas de finalidade ou sentido, à lógica dos por quês ou para quês. O que caracteriza o amor, para Jaspers, é, portanto, a sua “fundamentação metafísica”, a sua „incomensurabilidade em categorias racionais e de utilidade”; o fato de estar inserido no “infinito” (*im Unendlichen*). Isto não quer dizer que o objeto de amor – o ser amado – se torne supérfluo. Pelo contrário, no amor, o homem está, sim, totalmente imerso pelo objeto, está com-preendido e in-vadido pela presença do outro

Se aqui, na *Psicologia das Visões de Mundo*, o amor – ou a atitude entusiástica – ainda pode ser entendido como uma relação entre o ser humano com alguma coisa qualquer, em outros trabalhos de Jaspers a ênfase é outra. Semelhantemente à *philia* na ética aristotélica, ele passa a ser um título para o relacionamento de um indivíduo com um outro indivíduo, ou outros indivíduos. Mas o receio de uma má compreensão permanece. Quiçá seja esse um dos motivos que leva Jaspers a empregar uma outra palavra: “comunicação”. Quando falamos de comunicação, não devemos, portanto, pensar em algum tipo de relação que poderia ocorrer entre objetos, por exemplo, na esfera da arte, nem reduzi-lo ao conceito de diálogo, nem mesmo ao de um diálogo interior. Mas não nos encontramos num evento comunicativo quando, por exemplo, lemos uma poesia, contemplamos um quadro? Não poderia o encontro entre o homem e uma obra de arte ser comparado a um diálogo, a um momento de comunicação? Talvez, para Gadamer⁸, ainda não para Jaspers. Em sua filosofia da existência, só há comunicação “de ser-humano para ser-humano”. Mesmo aquele discurso que “se dá na alma, em pensamento, silenciosamente”⁹, a que Platão se refere – e que Hannah Arendt traduz como um “diálogo sem som (...) de mim comigo

⁷ JASPERS, Karl. *Psychologie der Weltanschauungen*. Berlim: Verlag Julius Springer, 191, p. 128 (tradução nossa)

⁸ Por exemplo, em seu ensaio “Ästhetik und Hermeneutik”, em: GADAMER, Hans-Georg. *Ästhetik und Poetik: Kunst als Aussage*. Gesammelte Werke 8, Tübingen: J.C.B. Mohr (Paul Siebeck), 1993, p. 1-8.

⁹ PLATÃO. *Sofista* 263e.

mesmo”¹⁰ – só pode ser entendido, insiste Jaspers, analogicamente como comunicação ou “autocomunicação”. Comunicação é uma coisa entre seres-humanos, um sinônimo, por assim dizer, de uma relação inter-humana.

Assim como Aristóteles, em sua *Ética*, discute diversos tipos de amizade, Jaspers, também, não deixa de apontar para diferentes esferas da comunicação: a comunicação que está vinculada a um interesse comum, por exemplo, para se proteger contra as ameaças da natureza, ou mesmo de outra comunidade; a comunicação que se dá através da conversação ou do diálogo, visando, por exemplo, ao entendimento sobre algum fato ou objeto; a “comunicação do espírito” como, por exemplo, a pertença a uma determinada comunidade, ou mesmo a compreensão empática de outro indivíduo. Na verdade, a idéia de comunicação está presente implícita ou explicitamente em todo pensamento de Jaspers. Por exemplo, quando ele pensa sobre a polêmica intelectual.

Que a tradição filosófica possa ser vista como uma grande correspondência entre amigos – como sugere Sloterdijk¹¹ – , só faz sentido se admitirmos que essa amistosa troca de cartas inclui polêmicas, controvérsias, refutações e, inclusive, sejamos sinceros, provocações, irritações, competições, desafios. De certa forma, tudo isso faz parte das querelas filosóficas, parece ser algo inerente a elas. Isso fica notadamente claro quando as missivas filosóficas justamente tentam discutir o que vem a ser uma missiva filosófica. A discussão, a polêmica é, sim, inevitável. Mas de que forma ela deveria se dar? Como seria a controvérsia entre amigos? Ou estaria a amizade aqui, na comunidade filosófica, sempre sob constante ameaça?

Já Aristóteles polemizava com seus amigos. Em sua *Ética a Nicômacos*, logo no início, quando o desafio é esclarecer melhor o que vem a ser felicidade e Aristóteles se vê diante da necessidade de se confrontar com a doutrina das Formas, das Idéias, introduzidas, como ele afirma, “por um amigo”, não deixa de afirmar que “de qualquer modo talvez pareça melhor, e de fato seria até uma obrigação, especialmente para um filósofo, sacrificar até as relações pessoais mais estreitas em defesa da verdade”. Com outras palavras, entre um amigo e a verdade, devemos “dar a primazia à verdade” (1096a). A verdade filosófica parece ser aqui algo que transcende a amizade.

Mas como fazer se a verdade não se deixa ser experienciada na reflexão individual, se “a verdade”, como afirma Jaspers, “começa a dois”? Se a experiência de verdade não se dá na solidão de uma clareira, mas no caminho inseguro e na vinculação àquele que me acompanha em

¹⁰ ARENDT, Hannah. *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002, p.135ss.

¹¹ SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

uma busca sempre arriscada e incerta? Como, se até mesmo para ser, para existir, necessito de alguém? Jaspers:

Poderia sê-lo se no meu isolamento houvesse uma verdade que me bastasse. O sofrimento devido à falta de comunicação e essa satisfação única que a autêntica comunicação nos proporciona não nos dariam tão forte abalo filosófico se, na nossa absoluta solidão, tivéssemos a certeza da verdade. Eu, porém, apenas sou alguém com o outro, sozinho nada sou.¹²

Não há como a questão da polêmica filosófica ficar de fora de um pensamento que não está disposto a abdicar da comunicação. (Aliás, um dos poucos momentos nas escolas filosóficas que raramente ousam debater sobre como debater – filosoficamente discutir sobre o que é, ou o que poderia ser discussão filosófica).

“A pergunta pela possibilidade da polêmica filosófica” surge no prefácio escrito – em 1955 – para terceira edição de sua obra *Filosofia*, publicada em 1932.¹³ Após tentar responder a algumas das críticas feitas até então ao seu trabalho, Jaspers tece algumas reflexões sobre o método da discussão filosófica, tendo como contraponto principal o modo como ocorre o debate dentro das ciências. O debate científico busca aquilo que pode ser, dentro de certos parâmetros metodológicos, considerado objetivamente certo. Aí, a personalidade do debatedor não é relevante, não representa um papel decisivo. Na discussão filosófica, por sua vez, a coisa se expressa justamente a partir da existência do pensador, possuindo assim sempre um caráter pessoal. O lugar de onde se discute, as forças espirituais que movem a polêmica, não se deixa apreender de modo objetivo e universalmente válido, mas tornam-se mais nítidas na própria discussão. Assim, no debate filosófico, não “se pode esperar a satisfação que proporciona o conhecimento positivo (*Sachkunde*) das coisas do mundo”.¹⁴ A polêmica filosófica é, antes, um espaço em que se dá o encontro de existências dispostas a dialogar, a se expor, a desvelar a insegurança e “impotência” que as acompanham em sua busca da verdade.¹⁵

A filosofia busca a verdade nas múltiplas significações do ser-verdadeiro segundo os modos do abrangente. Busca, mas não possui o significado e substância da verdade única. Para nós, a verdade não é estática e definitiva, mas movimento incessante, que penetra no infinito. / No mundo, a verdade está em conflito perpétuo. A filosofia leva esse conflito ao extremo, porém o despe de violência. Em suas relações com tudo quanto existe, o filósofo vê a verdade revelar-se a

¹² JASPERS, Karl. *Iniciação filosófica*. Lisboa: Guimarães Editores, 1998, p. 31.

¹³ JASPERS, Karl. *Philosophie*. 3 volumes.. Berlin, Heidelberg: Springer, 1932 (3ª edição: 1955).

¹⁴ JASPERS, Karl. *Philosophie* II, p. VII.

¹⁵ Essa “impotência” inerente ao filosofar, presente “no homem autêntico” é aventada por Jaspers, em *Introdução ao Pensamento Filosófico*, p. 144

seus olhos, graças ao intercâmbio com outros pensadores e ao processo que o torna transparente a si mesmo. / Quem se dedica à filosofia põe-se à procura do homem, escuta o que ele diz, observa o que ele faz e se interessa por sua palavra e ação, desejoso de partilhar, com seus concidadãos, do destino comum da humanidade.¹⁶

Não há verdade fora da comunicação. Esse é o problema. Ou como Jaspers expressa em *Razão e Existência*: Verdade “é o que se liga originariamente à comunicação”.¹⁷ Mas que comunicação? O que a possibilita? Jaspers quer indicar uma comunicação que precede a polêmica, uma comunicação que permite a abertura para, a escuta de, o interesse para com o ser humano como existência – uma “comunicação existencial”. Não se trata apenas do modo em que a comunicação atinge sua plenitude, mas também aquilo que de certa forma perpassa e fundamenta os outros modos de relação com o outro. Já nos seus escritos psicopatológicos pode-se constatar a preocupação de Jaspers em apontar para um modo de relação com um outro indivíduo, em que ele não seja meramente um objeto, mas preserve sua incomensurabilidade, imperscrutabilidade, “infinitude”, como já lemos na primeira edição de sua *Psicopatologia Geral*, ou seja, muito antes de se tornar filósofo. Um interesse como esse se expressa não somente em sua simpatia por uma psicologia compreensiva, mas também na ênfase que é dada em seus trabalhos psicopatológicos à necessidade de uma atitude fenomenológica por parte do médico, em especial, do psiquiatra, atitude que visa a combater a fácil e precipitada inclusão do paciente em um determinado quadro clínico.

Mas é em uma palestra proferida em 1916, sobre a solidão, onde fica mais evidente aquilo que abrirá o caminho para a caracterização de uma comunicação existencial: a imprescindibilidade de uma relação com o outro “no mesmo nível”, relação em que a minha identidade e a identidade do outro, a indefinibilidade do outro é preservada – onde eu e o outro, nos encontramos, ambos como existência possível. Essa comunicação – comunicação existencial, “comunicação plena”¹⁸, entretanto, não é vista por Jaspers como um estado mas como tarefa – uma tarefa inacabável e que se manifesta em toda relação inter-humana.

¹⁶ JASPERS, K. *Introdução ao Pensamento Filosófico*. São Paulo: Editora Cultrix, 2003, p. 140. Semelhantemente, no Prefácio à 3ª edição de sua *Filosofia*, Jaspers afirma: “Filosofia busca não somente comunicação em concordância geral, não somente discussão no solo de uma solidariedade abrangedora, mas o questionamento nas raízes de sua essência por através de outra filosofia basicamente distinta ou através da não-filosofia (*Unphilosophie*)”. (p. XXX, tradução nossa)

¹⁷ “sich ursprünglich an Kommunikation bindet” (JASPERS, K. *Vernunft und Existenz*. Fünf Vorlesungen (1935). 3ª Edição. München: Piper Verlag, 1987, p. 75).

¹⁸ JASPERS, K. *Vernunft und Existenz*. Fünf Vorlesungen (1935). 3ª Edição. München: Piper Verlag, 1987, p. 74 (tradução nossa).

Não estaríamos, aqui, penetrando num campo mais ético-político do que teórico? Provavelmente Aristóteles diria que sim. A propósito, a *Ética a Nicômacos* não deixa de assinalar a importância de um modo de amizade que se dá na cidade – uma amizade em que não está em jogo exclusivamente a minha realização individual, mas aquele espaço onde a minha busca por felicidade, por uma vida virtuosa se dá. Trata-se da amizade política – *politike philia*, como consta no livro IX –, aquela “concordia” (*homonoia*) que nada tem a ver com “identidade de opinião”, mas, sim, com uma relação com meus concidadãos que permite que identifiquemos aquilo que é bom para a cidade, e, portanto, uma amizade que “se relaciona com assuntos de nosso interesse e influentes em nossas vidas” (1167a).¹⁹

Não poderíamos comparar aqui a amizade política aristotélica com a comunicação de Jaspers? Comunicação é um conceito para a relação inter-humana, entendida como uma tarefa essencial, na qual seres humanos buscam a relação com outros seres humanos, “no mesmo nível”, ou seja, como seres livres e singulares; é, além disso, um conceito que expressa a única dimensão na qual o homem pode experimentar a verdade. Mas também é um conceito para aquele algo essencial que nos une, independentemente do que fazemos, produzimos, possuímos, aparentamos; independentemente de gostos, formação, confissão religiosa; é um conceito para aquilo que poderíamos chamar de fundamento da esfera política – uma espécie de homologia político-existencial que, apesar de nossas idiossincrasias e opiniões pessoais, nos capacita a polemizar sobre questões públicas e a captar aquilo que é bom e importante para cada um e para todos.

Não poderíamos a partir daqui tentar construir um discurso que aproximasse Aristóteles de Jaspers? Como sabemos, uma das características principais da filosofia da existência de Jaspers é justamente a constante preocupação com o amor e a comunicação. Não seriam esses fenômenos algo semelhante àquilo que os antigos gregos chamariam de *philia*, os latinos de *amicitia*, e que da mesma forma era visto como um momento fundamental da vida humana?

A intenção dessas rápidas reflexões foi promover uma aproximação, ou talvez, o início de uma aproximação entre alguns aspectos centrais da ideia de comunicação da filosofia da existência de Karl Jaspers e alguns momentos da discussão que Aristóteles realiza em sua *Ética a Nicômacos* sobre a *philia*. Não desejamos muito mais que despertar certa curiosidade e provocar, quem sabe, algumas elucubrações sobre um tema tão importante como é a amizade. Além disso, suspeitamos que uma aproximação semelhante já foi realizada, embora de modo extremamente

¹⁹ Aristóteles parece deixar claro, todavia, que a “concordia” só pode existir entre “pessoas boas”, entre aqueles que “desejam o que é justo e proveitoso”.

discreto, e talvez até involuntário – por Hannah Arendt. Todos nós conhecemos sua simpatia por Aristóteles, provavelmente induzida por Martin Heidegger. Mas se observarmos bem, não será difícil constatar que seus interesses diferem muito daqueles de Heidegger. O que Arendt busca, na verdade, em Aristóteles são ferramentas conceituais para pensar a política, para meditar sobre questões éticas, para “compreender” o mundo em que somos, e não para explorar as dimensões ontológicas da existência humana. Não estaria essa mudança de foco relacionada com o pensamento de seu outro professor e amigo Karl Jaspers? Não seria o pensamento de Arendt, pelo menos em parte, fruto dessa confrontação: a filosofia de Aristóteles e o pensamento existencial e comunicativo de Jaspers – e isso desde sua tese de doutorado sobre *O conceito de amor em Agostinho?*

Seja como for: verdade é que Hannah Arendt demonstrou grande interesse principalmente por aquela “amizade política” de Aristóteles²⁰ que, semelhantemente à comunicação de Jaspers, não é algo que se dá por si, ou que esteja aí, pronto, à disposição, mas, sim, algo que temos constantemente que conquistar – uma tarefa que, se deixada de lado, prenuncia a derrocada completa da esfera política.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OBRAS CONSULTADAS

- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. “O seu santo nome”. In: *Corpo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record, 1987.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução Antonio Carlos Braga. São Paulo: Editora Escala, 2006.
- ARISTÓTELES: *Ética a Nicômacos*. Brasília: Editora da UnB, 2001.
- ARISTOTELE. *Ética Nicomachea*. Traduzione, introduzione e note di Carlo Natali. Roma, Bari: Editori Laterza
- ARENDR, Hannah. *A condição humana*, Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 254-255.
- JASPERS, Karl. *Antwort auf die Frage: Aus welchen Kräften leben Sie?* In: JASPERS, Karl. *Philosophische Aufsätze*. München: Fischer Bücherei, 1967, p. 238-247.
- JASPERS, k. *Vernunft und Existenz.. Fünf Vorlesungen (1935)*. 3^o Edição. München: Piper Verlag, 1987.
- JASPERS, K. *Introdução ao Pensamento Filosófico*. São Paulo: Editora Cultrix, 2003.
- JASPERS, Karl. *Philosophie*. 3 volumes. Berlin, Heidelberg: Springer, 1932 (3^a edição: 1955).
- JASPERS, Karl. *Psychologie der Weltanschauungen*. Berlin: Verlag Julius Springer, 1919.

²⁰ ARENDR, Hannah. *A condição humana*, Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

JASPERS, Karl. *Iniciação filosófica*. Lisboa: Guimarães Editores, 1998.

ARENDT, Hannah. *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

GADAMER, Hans-Georg. *Ästhetik und Poetik: Kunst als Aussage*. Gesammelte Werke 8, Tübingen: J.C.B. Mohr (Paul Siebeck), 1993.

SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

Recebido em 04/12/2009.

Aprovado em 04/12/2009.